

CONIC SEMESP

16º Congresso Nacional de Iniciação Científica

TÍTULO: UM ESTUDO SOBRE ETIMOLOGIA

CATEGORIA: CONCLUÍDO

ÁREA: CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

SUBÁREA: LETRAS

INSTITUIÇÃO: UNIÃO DAS FACULDADES DOS GRANDES LAGOS

AUTOR(ES): RITA DE CÁSSIA FERNANDES MERLO CECATO

ORIENTADOR(ES): DENISE FRAGA

Realização:

SEMESP 
sindicato das mantenedoras de ensino superior

Apoio:


ISO 9001 **ENIAC**
Educação Básica e Superior

1. RESUMO

A proposta deste trabalho é apresentar um breve estudo sobre etimologia, colaborar na compreensão dos estudos sobre o tema e despertar o interesse pela formação das palavras, observando como isso pode auxiliar no ensino da ortografia e da morfologia.

PALAVRAS-CHAVE: Etimologia. Língua Portuguesa. Ortografia

2. INTRODUÇÃO

Quando lemos um texto e nos deparamos com alguma palavra desconhecida, há o desejo de saber qual é o seu significado. Para isso, podemos recorrer ao dicionário ou até mesmo conseguir desvendar seu significado pelo contexto em que ela se encontra. Mas e quando queremos ir além de simplesmente verificar sinônimos e descobrir como aquela palavra se originou? Neste caso, entra em cena a Etimologia.

Faremos um breve resumo de como se deu a compreensão da etimologia ao longo dos séculos, seus principais colaboradores e suas ideias. Em seguida, trataremos algumas palavras e suas origens, um pouco sobre as falsas etimologias, tão em voga nos dias de hoje, e sobre a importância desse estudo para os professores de Língua Portuguesa.

3. OBJETIVOS

A escolha deste tema deu-se pela necessidade de o futuro professor de Língua Portuguesa compreender melhor os fenômenos históricos que estruturam a formação e o sentido a partir dos quais se formam os étimos. Nossos objetivos são: definir e estudar o conceito de etimologia e observar como esse estudo pode auxiliar no ensino da ortografia e da morfologia.

4. METODOLOGIA

No início foram feitas pesquisas bibliográficas para melhor analisar o tema abordado e ampliar nossos conhecimentos. Após a leitura dos materiais teóricos,

fizemos uma análise dos temas que melhor se encaixavam em nossa proposta. As principais obras utilizadas para a realização deste trabalho são de autoria do etimólogo e professor da USP Mário Eduardo Viaro, *Etimologia* (2014) e *Por trás das palavras* (2006). Vejamos o que ele diz sobre a importância de se estudar etimologia:

É lamentável pensar que a etimologia seja inútil e que ninguém mais estude ou queira estudar etimologia. Se ninguém estuda, deveria estudar. O abandono da erudição linguística pelo ensino moderno, alicerçado pelos valores imediatistas da atualidade, nos prende num presente sem vínculos com nosso passado e com nosso futuro. Faz-nos acreditar que tudo em que acreditamos nasceu hoje, criando uma cegueira para as semelhanças entre as línguas, as culturas e as pessoas. Em suma, ao contrário do que se prega, ser erudito nos torna mais humanos e mais tolerantes, menos vinculados às óbvias necessidades da nossa existência, que podem parecer prementes, mas são apenas o que são: necessidades. (NICOLETI, 2011, p. 4)

5. SOBRE O ESTUDO DA ETIMOLOGIA

A Etimologia é uma ciência, cujo nome provém do grego e significa “estudo do verdadeiro”, da junção de *etimo-* “verdadeiro” e *-logia* “estudo”. É o estudo gramatical da origem formal e semântica das palavras, de onde surgiram, como se formaram e como evoluíram com o passar do tempo.

No latim, esse termo foi traduzido por Cícero para *ueriloquium* “maneira de falar verdadeiro”. Em português, o escritor Guimarães Rosa, no conto *Famigerado*, criou o termo *verivérbio*. Ele costumava dizer que *verivérbio* era o *caroço*, o sentido intrínseco da palavra. A propósito, qual é a etimologia do termo “palavra”?

“Palavra” tem sua origem do grego parabolé, que significa “comparação”. É formada pela junção de *para-*, que quer dizer “ao lado” e *ballein*, que significa “atirar” ou “jogar”. Parábola era uma história, geralmente de cunho moral, utilizada para se comparar com uma situação da vida real, servindo como exemplo. As parábolas mais conhecidas hoje são as histórias contadas por Jesus Cristo. Em latim, *palavra* é *verbum*, exemplo: *verbum Domini* “palavra do Senhor”. (STEINHARDT, 2007, p. 1)

Não se sabe, exatamente, desde quando existe a consciência etimológica no Ocidente, mas há registros de etimologia de, pelo menos, 2500 anos. Podemos encontrá-los nos fragmentos de textos de Heráclito de Éfeso (c540 – 470 a.C.); em

textos de Platão (c428 – 347 a.C.): de forma tímida em Protágoras, Fedro, Teeteto, República, Górgias, Fédon, Sofista, Leis, e de forma mais abrangente em Crátilo, escrito por volta de 386 – 385 a. C.. (VIARO, 2014, p. 29).

No século VII d.C., na Idade Média, temos os textos do bispo espanhol Isidoro de Sevilha (c560 – 636), em formato de enciclopédia e intitulada *Etymologiae*. Acreditava que nem todas as palavras teriam etimologia, mas achava importante conhecer a origem delas para se interpretar de seu significado. Não tinha um método para suas pesquisas, por isso trabalhou muito usando a intuição. É considerado de grande importância para a Filologia Românica.

Em 1492, Elio Antonio de Nebrija (1444 – 1522), pseudônimo de Antonio Martínez de Cala y Xavara, nomeou “etymologia” um dos capítulos de sua gramática. Para ele, etimologia é o que hoje chamamos de Morfologia. Ele entendia que a língua castelhana nada mais era do que o latim modificado e baseado nessa ideia, criou algumas regras, antes das “leis fonéticas” do século XIX, com altos índices de acertos.

Em 1576, o autor português Duarte Nunes de Leão (c1530 – 1608), publica a *Ortografia da língua portuguesa*, no qual faz um estudo etimológico em várias passagens. Mais tarde, publica a *Origem da língua portuguesa*, totalmente dedicada a estudar as transformações da língua. Sua obra é de grande importância para a língua portuguesa, mas acabou sendo relegada a um segundo plano, talvez por ter uma posição extremamente normativa.

Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646 – 1716) acreditava que a maioria dos étimos das línguas havia se perdido, pois o decorrer do tempo e as mudanças de significado os obscureceram. Dizia que as palavras são determinadas por motivos naturais e somente as línguas artificiais são arbitrarias. Para ele, as línguas nascem da mistura dos povos e estavam tão profundamente misturadas que seus étimos haviam se perdido.

Em 1773, Antoine Court de Gébelin (1719 – 1784) inicia a publicação de nove volumes tratando de estudos etimológicos e defende que haja uma ciência para falar desse assunto. Ele também acreditava na existência de uma língua primitiva que teria dado origem a todos os idiomas (estes seriam apenas dialetos da língua original).

Samuel Gyarmathi (1741 – 1811) era mais austero em suas análises e dava um tratamento empírico aos dados coletados. Constatou que havia semelhanças entre várias línguas que estudou. Além das semelhanças entre as palavras, teve início outro tipo de investigação na busca da origem das línguas: das semelhanças gramaticais. A Historiografia costuma se referir a ele como o autor que iniciou uma visão “científica” da língua.

O dinamarquês Rasmus Christian Rask (1787 – 1832), achava que apenas o estudo comparativo entre as línguas poderia provar o parentesco entre elas e a etimologia deveria ser obtida empiricamente, por meio de dados.

No início de século XIX surge Franz Bopp, estudioso alemão que em sua primeira obra, escrita aos 25 anos, fez uso de um método dedutivo (o sânscrito tem papel central). Quatro anos depois, o comparativismo estava em seu método, ao qual aderiu intensamente. Estudou as relações que unem o sânscrito ao grego, ao latim, etc.

Jakob Ludwig Karl Grimm (1785 – 1863) em sua obra de *Linguística Comparativa*, começa a valorizar os dialetos, rompendo com a Filologia Clássica e pretendendo privilegiar a fala natural. Não era tão rigoroso em suas análises como Rask, mas superou o dinamarquês na quantidade de exemplos, a tal ponto de obscurecê-lo na segunda metade do século XIX.

Associar a Linguística à História Natural era muito comum no século XIX: Goethe, Rask, Bopp o fizeram, mas foi August Schleicher (1821 – 1868) o mais radical. Era contemporâneo de Charles Darwin (1809 – 1882), mas muito antes que esse publicasse sua obra, em 1859, Schleicher já esboçava as línguas em árvores genealógicas. Privilegiava o trabalho empírico das línguas, analisando-as em sua concretude.

Friedrich Christian Diez (1794 – 1876) foi um linguista que se preocupou com as línguas românicas. Entre 1836 – 1844 escreveu sua gramática comparada escrita e lançou em 1854 seu dicionário etimológico, obras muito importantes para os estudos filológicos que se seguiram, não só sobre Filologia Românica, mas à Linguística geral.

Mais especificamente, entre os que se voltam às questões etimológicas das línguas ibero-românicas, para o português, temos: Aniceto dos Reis G. Viana (1840 – 1914); Teófilo Braga (1845 – 1924); Francisco A. Coelho (1847 – 1919); Jules

Cornu (1849 – 1919); Carolina W. Michaëlis de Vasconcelos (1851 – 1925), sendo destaque José Leite de Vasconcelos C. P. de Melo (1858 – 1941) que fundou a Revista Lusitana em 1887.

Hugo Ernst Mario Schuchardt (1842 – 1927), professor de Graz, foi um dos maiores defensores de uma Linguística Geral com bases empíricas e a etimologia também assume esse aspecto. Voltou-se à coleta de dados, excluindo deduções.

Um dos maiores nomes da Filologia Românica é Wilhelm Meyer-Lübke (1861 – 1936). Entre suas muitas obras destacam-se a sua gramática das línguas românicas (1890 – 1902) e seu dicionário etimológico (sigla REW, 1911 – 1920).

Leo Spitzer (1887- 1960) introduziu a Estilística nos estudos etimológicos, pois se interessava principalmente pelos étimos obscuros.

5. 1. Etimologia e falsas etimologias

Muitas pessoas desprezam a etimologia e dizem que ela não passa de uma invenção, porém, isso não é verdade. Um bom étimo se consegue através de muito estudo e ter boa imaginação não é suficiente, são necessários dados concretos.

Etimologia e imaginação, contudo, nem sempre fazem um bom casamento. Mais infeliz ainda é a tentativa de unir Etimologia e diversão, como se pode ver em muitas obras do gênero. A pesquisa etimológica, como uma edição crítica, deve passar por muitas etapas rigorosas e, mesmo assim, as soluções de étimo são múltiplas e sujeitas a revisão. A situação, perante uma profusão de étimos (quando bons e dignos de avaliação) é apresenta-los sem uma solução definitiva, da mesma forma que muitas ciências o fazem seriamente com hipóteses não excludentes. Cabe a outros confirmar ou rejeitar tais hipóteses mediante a apresentação de novos dados e argumentos igualmente bem fundamentados. Não se pode provar uma etimologia apenas por meio da semelhança formal entre o étimo proposto e as palavras investigadas. Dadas duas línguas quaisquer, se um elemento de seu vocabulário é parecido ou idêntico, tanto no significante, quanto no significado, isso pode dever-se basicamente a três fatores distintos: coincidência, empréstimo ou origem comum. (VIARO, 2014, p. 97-98)

A coincidência formal é algo muito comum e existem casos surpreendentes. Exemplo: a palavra para “mau” tanto em inglês quanto em persa é *bad*, no entanto,

essa semelhança não diz nada a respeito de uma origem comum dessas línguas. (VIARO, 2014, p. 98)

O empréstimo acontece quando línguas que estiveram comprovadamente em contato direto, ocorrendo ou não o bilinguismo como aconteceu, por exemplo com o português e o espanhol, ou quando uma das línguas teve algum prestígio ou influência cultural. (VIARO, 2014, p. 99)

A semelhança por origem comum é quando as palavras, além de semelhantes, provêm de uma mesma origem. Exemplo: em português a palavra “*semente*” vem do latim *sementem* e palavras cognatas em outras línguas também possuem a mesma origem> o italiano *semente* ou *sementa*, o provençal *semen*, o catalão *semente* e o espanhol *simiente*. (REVISTA LÍNGUA, 2013, p. 1)

Também podem ocorrer na língua palavras de origem comum com grafias diferentes. Exemplo: a palavra “*úmido*” (Brasil) era grafada “*húmido*” em Portugal, respeitando-se a etimologia: *húmus*. Geralmente as pessoas não têm consciência histórica das palavras, a menos que estudem linguística histórica ou etimologia, naturalmente desconhecem a conexão entre “*erva*” e “*herbanário*”, que o radical da palavra “*ombro*” é o mesmo da palavra “*humeral*”, e que se isso fosse levado às últimas consequências, “*ombro*” deveria ser escrito com *H*. Palavras no português iniciadas com o dígrafo *CH* (para nós, som de *X*), são palavras latinas que começariam com *PL*, *CL* e *FL*. Geralmente escrevemos com *X* palavras de origem indígena, africana ou árabe, porém, isso não é uma regra, há exceções. (NICOLETI, 2014, p. 5)

Não se pode, porém, confundir étimo com derivação morfológica. No étimo, a mesma palavra sofre mudanças fonéticas e semânticas, já na derivação trata-se de palavras visivelmente distintas. Étimo – forma equivalente da mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer. Por forma, devemos entender não só palavras, mas também prefixos, sufixos, desinências, raízes e radicais. (VIARO, 2014, p. 99)

Assim, abaixo elencamos, a partir dos estudos de VIARO (2014, p. 160-181), algumas palavras e suas transformações diacrônicas, a fim de mostrar que a maneira como as conhecemos hoje percorreu um longo caminho passando por alterações:

* lat *monasterium* > *mõasteiro* > *mõesteiro* > mosteiro

- * lat *genu* - *genuculum* > *genuclu* > *geolho* > joelho
- * lat *hirundinem* – *hirundinam* > *erondia* > *arondia* > *andoria* > andorinha
- * lat *merulum* > *merlo* > melro
- * lat *colubram* > *coovra* ~ *coobra* > cobra
- * lat *miraculum* > *miraclu* > *miragre* > milagre
- * lat *apis* – *apiculam* > *apicla* > abelha
- * lat *vetus* – *vetulum* > *vetlum* > *veclum* > velho
- * lat *ansam* > *asam* > asa (VIARO, 2014, p. 160-181)

Dois exemplos de derivação morfológica a partir dos estudos de Luft e Viaro:

A palavra *rei*

Rei é a evolução do latim *rege(m)*. E aqui está o radical do verbo *reger*, *regere*. Em *rei* está, portanto, escondida a ideia de “governar, dirigir”. Aliás, nesta última palavra encontra-se o mesmo *regere*, precedido do prefixo *di(s)-*. E então os nossos diretores, e os reitores, são – imaginem – parentes próximos dos reis...

Assim, parentela lado a lado evidencia-se a melhoria semântica do vocábulo *rei*: *reger*, *regente*, *dirigir*, *dirigente*, *diretor*, *reitor* e ...*rei*. É verdade que os reitores ainda garantiram alguma majestade da família real ou régia: eles são magníficos... (LUFT, 1996, p. 180-181)

Verbo *trahere* e suas derivações

O verbo *trahere*, cujo particípio é *tractus*, era usado para descrever a força que um boi emprega no arrastar. Sua raiz *trah* pode ser vista no português: *tra-*, *trag-*, *tra.ç-*, *tra.t-*. O ato do boi é então chamado de *tração*, pois age como em *trator*, e pode ser feito em várias direções:

atração – quando algo nos puxa para perto

contração – quando os músculos repuxam para o mesmo lugar

retração – quando algo está puxando para trás

extração – quando algo é puxado para fora

subtração – quando tiramos algo do lugar em que se encontra

abstração – quando fazemos algo não por meio da força física, mas por exercício mental

distração – quando puxamos toda nossa energia para coisas que não deveríamos naquele momento, dissipando os pensamentos de forma descontraída

Atrair, contrair, retrain, subtrair, abstrair, distrair: aparentemente ideias separadas em seu significado, porém muito próximas em suas origens. Além disso temos também: *tratos, tratados* e *contratos*. Se pararmos para refletir, perceberemos que para que esses atos se concretizem, usamos certa dose de “força”. Nos movimentos de *tração*, típicos do trabalho braçal é preciso dosar a força: é preciso ter *trato*.

Tratar – é lidar com cuidado. O tempo todo estamos *tratando*: *tratamos* de vários assuntos, de nossos animais domésticos, de crianças. Formas de *tratamento* são formas de polidez. Quem rompe *tratos* é *tratante*; pessoas mal-educadas são *intratáveis*; quem nos puxa para baixo em nossa autoestima é um *detrator*.

Temos ainda nesse extrativismo de palavras:

traço – puxando a caneta sobre o papel, traçamos linhas

tralha – antiga rede de arrastão usada por pescadores

retrato – feito por um fotógrafo ou pintor, “arranca-se” o ser da realidade para fazer parte da representação bidimensional. E como *retratar* é puxar para trás, podemos entender que se *trata* também de algo que foi dito e nesse sentido, de retirar o que foi dito, “*retratar*” passa a significar “*desculpar-se*”

treinar – originalmente era “*puxar o falcão com uma corda em exercício de adestramento*”. Hoje há *treinamentos* de vários tipos, *treinadores* e “*personal trainers*”. Dessa mesma raiz nasce a palavra *trem* – que é o que puxa, além da palavra *trenó* (VIARO, 2004, p. 95-97)

Muitas pessoas se interessam por etimologia, mesmo sem sequer saber que tal palavra existe, mas tem curiosidade, por exemplo, de saber o que significa seu próprio nome e qual a origem dele. Pois bem, existem várias publicações que tratam deste assunto, porém muitas delas não contam com base científica e acabam popularizando as falsas etimologias, seja de nomes, coisas, lugares e expressões populares.

Vejamos um exemplo de falsa etimologia:

- Aluno – a palavra aluno (*lat alumnus*) deriva do verbo latino *alo* (*infinitivo: álere*) com o sentido de “fazer aumentar, crescer, desenvolver, nutrir, alimentar, criar, sustentar, produzir, fortalecer, etc”. O aluno, por metáfora, está sendo nutrido de conhecimento, de saber. Porém, a falsa etimologia diz que aluno é formada por *a-*, com sentido privativo (“sem”) e de *lumen* (“luz”). (BAGNO, 2013, p. 2)

5. 2. A importância da etimologia para o professor de língua portuguesa

Para ser um bom professor de língua portuguesa, não é necessário ter o conhecimento pleno das etimologias de todas as palavras da língua, porém é necessário que se saiba o suficiente para que possa ensinar os alunos de maneira clara e objetiva, afastando quaisquer dúvidas quanto ao significado das palavras, especialmente aquelas cuja pronúncia é idêntica, mas as grafias e as raízes etimológicas são completamente diferentes. Como exemplo temos as palavras homófonas e heterógrafas “sessão”, “cessão” e “seção”.

- Sessão – vem de *sessio*, do verbo *sedeo* “estar sentado”. Que fazemos numa sessão de cinema?
- Cessão – vem de *cessio*, do verbo *cedo* “ceder, dar”, daí se diz uma cessão de direitos.
- Seção (ou “secção”) – vem de *sectio*, do verbo *seco* “cortar”. Que é uma seção senão um departamento, uma parte cortada de um todo? Assim, no supermercado temos a *seção de frios*, numa loja temos a *seção de roupas femininas*.

Certas irregularidades da língua portuguesa podem ser facilmente solucionadas quando se conhece a origem das palavras. Por exemplo: a primeira pessoa do singular do verbo “precaver” não é “*precavejo*”, muito menos “*precavenho*”, pois o verbo não é derivado nem de *ver* nem de *vir*, mas do latim *caveo* “tomar cuidado”, isto é, *praecaveo* “tomar cuidado antes” (“Precaver” é um verbo defectivo, não é conjugado na primeira pessoa do Presente do Indicativo, grifo nosso). O particípio passado de *caveo* é *cautum*, donde *cautela*, *acautelar-se*, *incauto*, *cauteloso*, entre outros. (VIARO, 1999, p. 7-12)

6. RESULTADOS

Ao longo deste trabalho, pudemos observar que a etimologia sempre foi objeto de curiosidade, pois muitos se encantam quando descobrem a origem das palavras. Demonstramos aqui, resumidamente, vários estudiosos do assunto e várias correntes de pensamento relacionadas à etimologia.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta iniciação científica, vimos a importância de se compreender bem as origens das palavras da língua portuguesa, algo imprescindível aos professores e aos futuros professores. Além de conhecer um pouco mais sobre o processo de formação das palavras e suas transformações ao longo do tempo, foi um verdadeiro resgate da memória.

O estudo etimológico, nos últimos tempos, limitou-se a dicionários e gramáticas históricas voltadas a um público específico, sem a preocupação de formar novos estudiosos. A consequência disso, podemos comprovar hoje, o desconhecimento da história da língua portuguesa, muitos achando que ninguém mais se dedica a compreender a essência da palavra a partir do estudo do seu étimo.

Com este trabalho esperamos despertar o interesse pela formação das palavras não apenas nos estudantes, mas em um público maior, pois é maravilhoso entender o que está, enfim, por trás das palavras.

5. FONTES CONSULTADAS

- BAGNO, M.. *Etimologia ou Etimoludia?* 2013. p. 1-2 Disponível em: <<http://eproinfo.mec.gov.br>> Acesso em: 19 mar. 2016.
- DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. *Origem da palavra Palavra*. 2008, p. 1 Disponível em: <<http://www.dicionarioetimologico.com.br>>. Acesso em: 17 out. 2015.
- LUFT, Celso Pedro. *O romance das palavras*. São Paulo: Ática, 1996.
- MORENO, C.. *Sua língua*. 2009. p.1 Disponível em: <<http://sualingua.com.br>>. Acesso em: 19 mar. 2016.
- NICOLETI, Thaís. *É lamentável pensar que a etimologia seja inútil*, diz Prof. Mário E. Viaro. Disponível em: <<http://thaisnicoleti.blogfolha.uol.com.br>>. Acesso em: 08 ago. 2015.
- STEINHARDT, I.. *A história da palavra "palavra"*. 2007. p. 1 Disponível em: <<https://steinhardts.wordpress.com>>. Acesso em: 17 out. 2015.
- VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2014.
- _____. VIARO, M.E. *Por trás das palavras: Manual de Etimologia do Português*. São Paulo: Globo, 2006.
- _____. VIARO, M.E. *Revista de ciências humanas e sociais*. São Paulo: Unisa v.1 n.1, 1999.